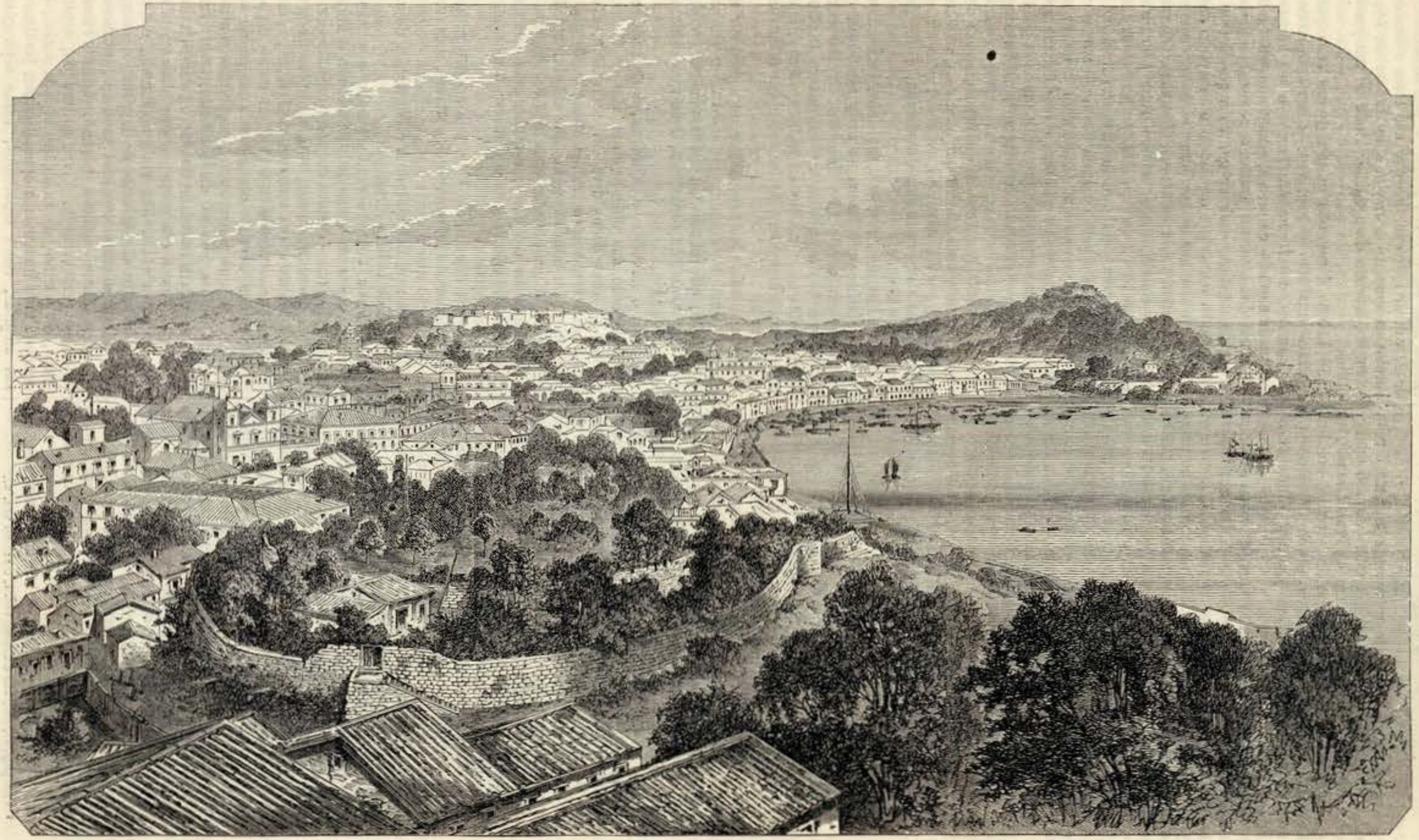
Tomo VII 1864



Macau — Vista da Praia Grande ou Porto Exterior

MACAU

A gravura que precede representa a parte direita da vista da cidade de Macau, tomada do alto da Penha. Alcança pela orla maritima da Praia Grande, ou porto exterior, desde o palacio do governo, que fica fronteiro ao mastro de bandeiras que se vê no primeiro plano, até á ponta em que está o forte de S. Francisco.

Correndo com a vista a estampa da esquerda para a direita, distingue-se primeiro de frente um templo com duas torres, que é a parochial de S. Lourenço; por detraz d'elle o seminario diocesano; mais ao longe o elegante frontispicio do antigo collegio de S. Paulo, da companhia de Jesus, que hoje serve de portico ao cemiterio publico; logo em seguida a mais importante fortaleza da cidade, chamada do Monte; ao descair d'ella para a praia as duas torres da sé episcopal; na elevação extrema o monte e forte da Guia; na baixa da ponta de S. Francisco o mosteiro de Santa Clara.

Macau é hoje uma das mais importantes possessões portuguezas, pela sua população, industria commercial e navegação. Não obstante o que já se disse d'ella n'este semanario [1], não nos despedimos de consagrar, em occasião opportuna, mais algumas paginas á singular e authentica historia d'este estabelecimento.

José de Torres.

TRES POETAS

(Vid. pag. 340)

J. G. LOBATO PIRES

Diz Balzac que o homem de letras precisa forçosamente de varrer da cabeça um montão de tolices, antes de principiar a escrever coisas com geito. Segundo a opinião do escriptor francez, o talento litterario é um movel de polimento coberto de lixo, que se deve sacudir bem, para que appareça em todo o esplendor. Tem o publico, por conseguinte, de acceitar a missão preliminar de carroça municipal, onde o escriptor vase os resultados do espanejar do cerebro, se quizer admirar finalmente as producções de um talento notavel. Balzac, só á sua parte, impingiu ao publico quarenta volumes de lixo, antes que lhe désse a *Comedia humana*, onde se revela o genio, que, seja qual for a antipathia que eu lhe consagre, não posso deixar de reconhecer e admirar. Esses quarenta volumes são aquelles a que elle deu o titulo de *Œuvres de jeunesse*, e que tinham sido publicados com os pseudonymos de Horacio de Saint-Aubin, de lord Rhôme, do conde de Villerglé, etc.

O *Han d'Islandia* é o lixo de Victor Hugo; a *Merope*, o de Garrett; a *Precaução*, o de Fennimore Cooper; e quanto lixo não despejaria Walter Scott no seu quintal, para ter o gosto de mimosear logo da primeira vez o publico com essa obra prima que se chama *Waverley*. Lamartine tem a franqueza de confessar que queimou o seu, que assim mesmo daria uma boa carrada, porque constava de tres volumes de poesias classicas, e de umas poucas de tragedias.

Já vêem por conseguinte que, depois de vultos tão auctorisados, não era muito que Lobato Pires se désse tambem ao prazer de contribuir com o seu barril para encher as carroças que o publico supportou muito tempo, disfarçadas com o nome de semanarios litterarios. Collegas tinha elle cuja vocação principal era e devia ser sempre a do lixo, e que, por mais que espanejem a cabeça, não foram ainda capazes de tirar de lá outra coisa.

Comtudo, como já disse, o talento revelava-se, e o publico applaudia. Se muitas composições d'esse tempo fariam hoje sorrir o seu auctor (se nos seus labios podesse voltear outro sorriso que não fosse o descorado sorriso da loucura) a *Judith* e as *Taboas da lei*, por exemplo, haviam de o encher ainda de um justo orgulho.

Se Lobato Pires não mostrasse nas suas poesias capitaes (que são a meu ver: *A borda do Oceano*, *O Universo*, e a *Humanidade*) que o seu talento era para mais elevadas emprezas, poderiamos cital-o como um poeta distincto nos estafados generos da oriental, da poesia mystica, e n'esse genero a que Garrett não achou outro nome que dar senão o de genero *piégas*, e que um dos nossos melhores espiritos, e um dos nossos melhores conversadores, Thomaz de Carvalho, classificou concisamente chamando-lhe *funebre cantochão de miserias individuaes*. As poesias de Lobato Pires, publicadas em grande parte no *Archivo Universal*, são uma gota de agua do *mare magnum* de versos d'esse genero que inundaram e inundam as paginas da imprensa periodica, e que fizeram ranger os prelos, tanto a miudo, que estes mesmos já devem saber de cór e salteadas as imagens, as descripções, e as apostrophes invariaveis d'essas cartas de namoro, enviadas pelos Petrarcas de casaca ás Lauras desvanecidas com a homenagem que o publico, inoffensivo confidente, se via obrigado a aturar, sem ter a minima culpa das crueldades da adorada, e dos desesperos do adorador.

Não se imagine, comtudo, que nós, imitando o digno M. Marbre que figura na *Lucy Hardinge*, queirâmos generalisar o que dissemos. N'esse mar de semsaboria havia perolas, e podêmos contar no numero d'ellas as composições de Lobato Pires, onde se nota um certo esmero de fórma, e um estilo imaginoso.

Comtudo não podêmos deixar de considerar essas poesias como os preludios indecisos do genio de Lobato Pires, que se revelou em composições mais sérias, que são a sua verdadeira, bem que incompleta, corôa de gloria.

Quando o *maestro* se senta ao piano para procurar o segredo das melodias que hão de fascinar o mundo, os seus dedos divagam no teclado, despertando um murmurio incerto, confuso, ainda que harmonioso. Essa musica vaga, que fez brotar distrahidamente, é um pretexto para poder escutar á vontade o canto intimo que se está formando lentamente na sua imaginação. É, como dizem os francezes, para *se mettre en train*.

As poesias que Lobato Pires deu á estampa no *Archivo Universal* são os preludios suaves, mas tenues, da inspiração que o devia bafejar depois.

Cabe-nos aqui dizer alguma coisa ácerca da indole do talento de Lobato Pires.

Luiz Corrêa Caldeira era, se assim nos podêmos exprimir, poeta de occasião. Quando um sentimento qualquer lhe transbordava do peito, melancholia, prazer, dor, ou enthusiasmo, o deus intimo despertava n'elle, e traduzia, em torrentes de lyrismo, o mundo de idéas que se atropellava então na mente do poeta, e para quem a prosa era n'esse caso gaiola muito estreita. Os seus pensamentos, borboletas gentis com as azas iriadas pelo sol da inspiração, precisavam de se espanejar em liberdade no amplo jardim da poesia. Soares de Passos era poeta por organisação; não podia ser outra coisa. Não vivia no mundo, e quando os soffrimentos d'este valle de lagrimas o pungiam, desabafava soltando gemidos sublimes, canticos repassados d'uma ineffavel tristeza. Lobato Pires era um poeta secularisado. Vivia no mundo, sentia os gozos, os pezares, as ambições da vida social; mas, dotado d'uma imaginação opulentissima, poetizava essas alegrias, esses desalentos, essas aspirações. A

[1] Vid. pag. 17, 197, 273 e 276 do vol. I, e 145 do vol. VI.

sua imaginação era a pedra philosophal que transmutava em oiro os mais vis metaes. Inquieto, febril, apaixonado, parecia que a sua vida se accrescentára em intensidade com o que tinha de perder em extensão. Respirava a plenos pulmões este ar da existencia, bebia até á ultima gota a taça do prazer, esgotava com a mesma impetuosidade o calice da amargura. Gozava delirantemente, soffria pungentissimamente. Não encarava coisa alguma d'este mundo a olho nú; a sua imaginação tinha sempre um prisma prompto a interpor-se ao seu olhar, e ao objecto que contemplava. No quadro mais vulgar espalhava thesoiros de colorido. Tudo levava ao excesso: o amor n'elle chamava-se paixão; a admiração enthusiasmo. Verdadeira borboleta de assumptos, em todos tocava, e, por mais prosaicos que fossem, illuminava-os sempre com um reflexo d'esse foco ardentissimo que elle tinha na imaginação, e que não era só foco de luz, mas de chammas, e de chammas que tinham de o devorar. Para elle não havia rochedos aridos; possuia a vara de Moyses, a cujo toque omnipotente brotava um Niagara de imagens esplendidas, expressas n'um estilo deslumbrante. A imaginação era tudo em Lobato Pires.

No *Amor de poeta*, peça franceza frouxissima que elle imitou, e que é, pelo lado da fórma, uma das mais perfeitas producções do seu talento, divertiu-se em bordar, no *canevas* chôcho que lhe dava o original, os mais deslumbrantes matizes de estilo. A peça é em verso alexandrino, e devemos dizer de passagem que, n'esta metrificação, fôra Lobato Pires um dos mais felizes imitadores do sr. Castilho.

Admiremos, antes de analysarmos detidamente as ultimas composições de Lobato Pires, o esplendor do estilo, o ardor da phantasia do poeta no improbo trabalho de vestir, com as mais luxuosas galas da sua imaginação, um esqueleto nú e desairoso.

Vejâmos o principio do drama, em que, a par da valentia dos alexandrinos, se admira uma graciosissima canção, cheia de mimo e de frescura na fórma.

SCENA I

Luiz, lendo

No chaos se abysmava a natureza immensa!
Os seculos, sem conto, aguardavam o instante
Em que o Eterno, soltando a perennal sentença,
Dissesse á terra: «marcha!» e ao tempo: «ávante, ávante!»
Eis que o Senhor entre-abre a palpebra sublime,
E a luz do seu olhar se infiltra na materia,
Que inspirada no amor, que o Omnipotente exprime,
De mundo e de sóes inunda a sombra etherea.

Uma voz cantando

Como o ceo o mar é limpido!
Brinca o vento nos rosaes!
Vem dormir amante lubrico
N'este leito de cristaes.
Sob o remo a vaga inflamma-se,
Perde a estrella d'alva a luz,
Deixemos vogar a gondola,
Que a Providencia a conduz!

Luiz, com enthusiasmo

Producto d'um momento... immortal maravilha!
Anjos do ceo cantae, que ovante o sol já brilha!
Ó milagre da força e da fecundidade!
O solitario Deus em si mesmo é trindade!
Ella ama!!! no seu seio a existencia palpita!
Eterno é seu amor; sua graça infinita!

A voz, ao longe

D'estas praias afastemo-nos,
Para depressa voltar;
Ai, nem sempre um ceo diaphano
Promette bonança ao mar.
Nasce o sol, e o sino acorda-nos
Dentro d'alma a oração:
S. Marcos e a Mãe Santissima
Nos dêem feliz monção.

Aqui não ha senão fórma, fórma unicamente! Roupagens só; mas roupagens admiraveis! Era preciso disfarçar a nullidade do fundo. Pois disfarçou.

Nota-se principalmente n'este drama (que tem, como é facil de imaginar, trechos mais felizes uns do que os outros) uma fluencia de verso, um desprendimento apparente dos laços da traducção, que não deixam nunca perceber ao leitor que está lendo, não um original, mas uma obra estrangeira transportada para o nosso idioma. Vejam esta quadra.

Pela noite orvalhada, a rosa purpurina
Em seu calix deliba o clarão matinal;
E, accesa de pudor, namorando a campina,
Evapora no espaço o aroma virginal.

Resolveu-se o problema, cuja solução é tão anciosamente e inutilmente procurada pelos utopistas da sciencia; a cristallisação do carbone, d'onde surge o diamante. Esta quadra existia, de certo, em germen, no original francez, como no carbone existe em germen o diamante; a questão era substituir o esplendor da pedra preciosa á negrura do pobre mineral. Conseguiu-o Lobato Pires.

Ahi vae outro trecho, com que dou por terminada a analyse do *Amor de poeta*, e que transcrevo para provar o que affirmei, dizendo que o leitor, vendo a naturalidade da phrase, a ausencia absoluta de constrangimento, nem suspeita a existencia dos laços com que o traductor se atou muito de proposito, para ter o prazer de caminhar preso de pés e mãos, pela obrigação que impoz a si proprio de traduzir os alexandrinos francezes na mesma metrificação, tão naturalmente como se estivesse livre.

É bello em novos ceos sorver novas aragens,
Errar sobre o Oceano através das voragens;
Sem nos inquietar o que o futuro tece,
Esquecer o que foi, sorrir ao que apparece;
Um dia achar abrigo entre um povo innocente,
Ou fender os crystaes d'um lago transparente;
Outro dia encontrar convulsiva cidade,
A erguer altiva a fronte ao sol da liberdade;
Ou antes, quando o raio illumina a tormenta,
Medir a longa espalda á vaga turbulenta,
E sem norte, e sem leme, e sem vela, e sem mastros,
Ver os seios do abysmo, e remontar aos astros;
Sem temor, sem desgosto, apagar a existencia.
Eis como penso, irmão; se acaso isto é demencia
Não n'o sei, penso assim.

Apressemo-nos em analysar as tres composições de Lobato Pires, por causa das quaes eu entendo principalmente que o seu vulto indeciso, deve comtudo ser tomado em consideração por todos os que se occuparem da nossa litteratura.

A litteratura em geral, e a poesia em particular, passam entre nós por ser o refugio d'aquelles a quem a sciencia repelle. Passa em julgado que a celebridade acolhe de braços abertos todo aquelle que, possuindo uma imaginação um tanto exaltada, um talento facil, e alguma dóse de sentimento, exprimir em versos mais ou menos harmoniosos meia duzia de idéas, que lhe borbulham no cerebro. Diz-se e repete-se que a inspiração é uma amante ciosa, que não admitte rivalidades, e que quem nascer poeta deve lançar-se nos seus braços, e escrever o que a musa

lhe dictar, sem precisar de adquirir conhecimentos, que não fazem mais do que profanar a candidez immaculada da tunica da divindade. Uma das primeiras condições para ser poeta é ser ignorante. Condição mais tentadora não a ha de certo; e apresenta-se por conseguinte um tão grande numero de concurrentes habilitados, que a musa não tem senão *l'embarras du choix*. É isso que faz com que os poetas em Portugal abundem mais do que os cogumelos.

A instrucção é um vento abrazador que desbota as viçosas côres da rosa da poesia. Os poetas são plantas campestres que nascem sem cultura, e que, transportadas para um jardim, perdem logo a sua graça e gentileza. Tudo isso será verdade; mas se os lyrios silvestres nascem espontaneamente sem que mão de jardineiro os cuide, acontece o mesmo ás ortigas. De sorte que fica a gente sem saber se os poetas saem lyrios ou ortigas. Saem uma e outra coisa; mas é certo que em Portugal abundam por tal fórma as ortigas, que afogam com a sua multidão os poucos lyrios que desabrocham.

Mas o que é verdade é que não ha nada mais commodo, do que ser a gente uma flor que delicie a todos os que se aproximem de nós, sem ter tido que aturar regas, podas e canniçados. Encostar-se a gente ao vallado da ignorancia, e desatar-se em lyrio sem mais nem menos, e perfumar a mão feminina que se abaixa para nos colher! É facil, commodo e agradavel. Por isso meio Portugal se vae deitar ao pé do tal vallado, esperando tranquillamente que se opere a suspirada metamorphose, e para apressar a sua chegada começa bradando: «Sou lyrio, sou lyrio, sou lyrio». Alguns respondem-lhe: «É tolo, é tolo, é tolo» mas outros aproximam-se incautos, e quando vão a colhêr a flor mimosa, ferem a mão na ortiga que a substituiu.

Enganam-se com effeito os que pensam assim. Se ha talentos privilegiados, a quem Deus parece que ensinou a cantar, como ensinou aos passarinhos, a maior parte dos poetas precisam de cultivar o seu espirito, e cultivar o gosto para que não sáiam informes os productos da sua imaginação. E mesmo os outros, os que brotaram espontaneamente, aquelles que adivinham, que tem o instincto do bom gosto, não sei o que perderiam com a cultura. Suppõem que o estudo das sciencias naturaes esterilisa a imaginação? Oh! quanto se enganam! Fertilisa-a, pelo contrario, abre-lhe campos mais vastos, alarga-lhe os horisontes. Pensam que a poesia perde por não saber só ler por alto o poema da creação, mas saber soletral-o pagina a pagina, verso a verso, letra a letra? Deus é um grande poeta, e todos lucram em ler minuciosamente as suas obras.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

MEMORIA DO SR. D. PEDRO V, NO PORTO

Quarenta e dois dias depois da prematura morte do sr. D. Pedro V, os proprietarios e artistas das duas importantes fabricas de fundição e de estamparia estabelecidas na rua de Fernandes Thomaz, defronte da praça do Bolhão; os primeiros, reconhecidos pela régia e honrosa visita que o illustrado monarcha fez aos seus estabelecimentos; os segundos, gratos para com o *amigo dos que trabalham*, o rei popular, que nunca hesitou confundir-se com o artista para com elle participar das lides do trabalho, ou gozar as festas do progresso; todos, obedecendo a um impulso nobre e justificado, quizeram — e realisaram — perpetuar a memoria de tão amado principe, levantando um singelo monumento, para attestar ás vindouras gerações não só a estima e acrisolado amor com que o rei-cidadão era estremecido, mas tambem a distincta consideração que os dois estabelecimentos mereciam ao principe sabio e virtuoso.

Simples na fórma, mas grandioso na idéa, é o modestissimo padrão que, humilde e despido de bellezas architectonicas, se ostenta defronte das mencionadas fabricas, sobranceiro ao mercado publico do Bolhão, tendo o singular merecimento de ser o primeiro que no paiz se levantou, como perenne tributo de saudade e gratidão ao rei amado, que, morrendo pranteado de todos, revive na memoria e nas recordações.

É o monumento todo de pedra granitica, de que tanto abunda a cidade do Porto, rematado com uma estrella de bronze de sete raios. O pedestal, que assenta sobre dois degraus da mesma pedra, é defendido por uma simples, mas graciosa, grade de ferro fundido.

Tem de altura, desde o solo até ao extremo superior da estrella, $7^{m},52$.

A columna, comprehendendo a base e o capitel, é feita de uma só pedra, tendo de diametro, na sua maior grossura, $0^{m},77$. [1]

Foi principiado a 23 de dezembro de 1861, e acabado e inaugurado em 9 de julho de 1862, no mesmo dia em que, na praça de D. Pedro da mesma cidade, se inaugurava o monumento do imperador duque de Bragança. [2]

Na face do pedestal, lado do norte, está gravada a seguinte oitava, composta pelo reverendo abbade da freguezia de Santo Ildefonso, orador mui distincto.

«Ao Rei D. Pedro Quinto — memorando —
Da industria e artes protector subido;
Qu'as vaidades do solio descurando,
Teve um throno d'amor na patria erguido;
Que as fabricas em frente visitando
Da — Estampa e Fundição — salvou do olvido...
Artistas, a quem deu favor e alento,
Consagram este humilde monumento.»

Na face do sul tem esta inscripção: — «Teve principio em 23 de dezembro de 1861: concluiu-se em 9 de julho de 1862.»

No lado do poente: — «Visitou a fabrica de fundição em 22 de novembro de 1860.»

No do nascente: — «Visitou a fabrica de estamparia em 28 de agosto de 1861.»

A gravura da pagina seguinte dispensa-nos de mais minuciosa descripção. A. M. Leorne.

O PAINEL

(CONTO PHANTASTICO)

(Vid. pag. 342)

«Corria brilhante a festa. Succediam-se os folgares como que em vortice delicioso.

«Na pleiade de formosas donzellas que volteavam na primeira noite do baile sobresaía uma que desde logo me captivou o coração.

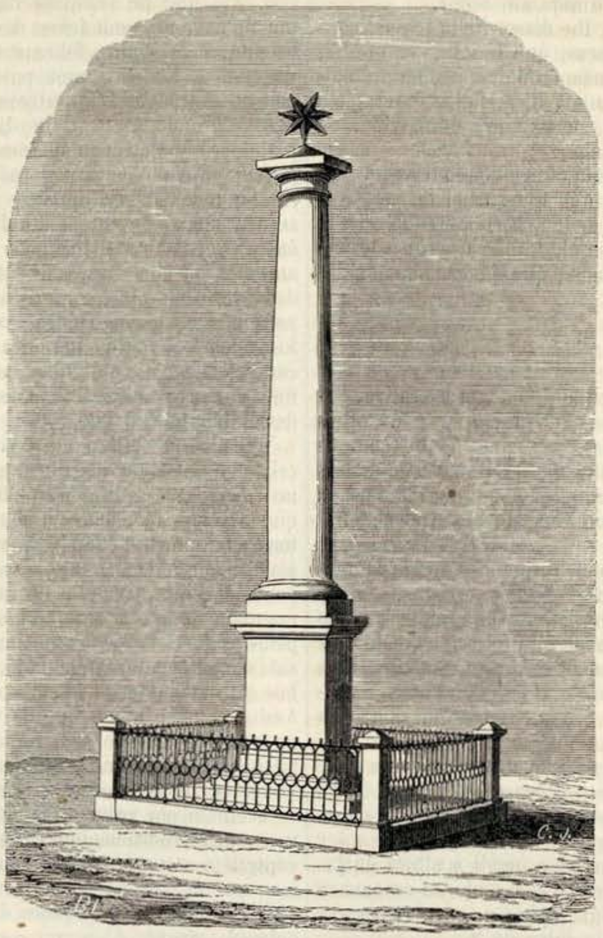
«Era linda. Tinha um quê de scismador e pensativo, que fazia pensar e scismar. Vi-a, fitei os meus olhos no seu rosto de fada, e senti ardencias de um volcão a correrem-me pelas arterias. Morria de amores. Que donairoso encanto! Que sylphide inspirada! Ah! Sylvius, se tu a contemplasses, se cravasses os olhos nos d'ella, se lhe apertasses a mão estreita, dirias que Virginia era um anjo do ceo. Toda fogo,

[1] O calhau de que se fez a columna, sendo justo com o montante por 67$200 rs., veiu, a final, a custar, com o transporte, 300$000 rs. Gastaram-se 14 dias, empregando-se 20 juntas de bois e 40 pessoas para o conduzir da pedreira até ao logar do monumento, sendo a distancia apenas de 2 kilometros. Todo o monumento importou em 1:200$000 rs.

[2] Vid. pag. 65 d'este vol.

toda amor, era virgem casta que se librava nas azas candidas da paixão mais pura. Amei-a desde logo; amei-a como louco, com todas as veras de um coração de poeta e de uma imaginação desvairada.

«Pedi-lhe uma walsa, acceitou. Havia nove antes de mim. Que desespero! Eu, cego de amor, eu, misero, que me penava nas garras de um sentimento immenso, fui-me sentar, desesperado, convulso de raiva e ciume, entre o cortinado de uma janella. Caía-me o suor em bagas; hauria com frenesi a brisa da noite, e mudo, ora contemplava a lua, que caminhava serena na amplidão, ora o revolutear insensato da dança diabolica. A orchestra parecia gemer furibunda nos arrancos da agonia. Tremiam as paredes, as luzes agitavam-se trémulas e convulsas com o bafejar da walsa, e eu esperava o momento da minha felicidade meditando em milhares de loucuras. Chegou, em fim, a minha vez. Milhares de lumes, pendurados de candelabros de cristal, derramavam jorros de claridade nas salas, recortando phantasticamente com luz e sombras as figuras dos pannos de arraz que forravam as paredes. As rabecas começavam o seu mur-



Memoria do sr. D. Pedro V, no Porto

murar lamentoso. Fui-me a Virgina, travei-lhe do braço, cingi-lhe a cinta flexivel, temendo que ella me fugisse. A formosa sorria adoravelmente. Apertei-lhe a mão, e ella. . . . correspondeu-me; respirei-lhe o bafo, que parecia um effluvio celeste. Podia morrer alli, que morria contente. Que me importava o inferno, se já tinha gozado em um momento seculos de ventura? Rompeu entanto a walsa vertiginosa.

«Ah! Sylvius, coração de gelo, cerebro ossificado. Tu não sabes o que é walsar com a mulher adorada. Ouvir as harmonias de Strauss, harmonias doidejantes, espontaneas e voluptuosas, formando como que um pelago de sensações turbidas e encapelladas; sorver o halito de amor que sae de uns labios roseos; apertar contra o peito um seio niveo e arquejante; sentir o rugir das sedas; ser levado, porque se leva nos braços a mulher que encosta as faces afogueadas ao hombro, por uma força irresistivel e fatal, que nos arrasta ao turbilhão; sentir tudo isto é sentir o paraiso, é condensar em um momento todos os gozos imaginaveis. Parece então que, mais ligeiros que o ar, vamos subindo, subindo, subindo sempre, até ás regiões ethereas dos mysteriosos e eternos amores. A walsa é escada de Jacob, é cadeia voluptuosa que liga os homens aos anjos.

«Corria vaporosa a dança, ninguem se cançava; era um delirio, um frenesi, uma visão, uma correria phantastica e veloz, como nos contos septentrionaes.

«Eu e Virginia faziamos prodigios; enlaçados amorosamente, ella deixava pender a cabeça languida, que eu sustentava, apertava convulso, e iamos girando, girando, como se uma legião de demonios nos estivesse impellindo. Foi então que uma idéa extravagante se me passou pela mente. As salas estavam de nivel com o jardim, e as portas abertas de par em par. Continuando na walsa, exclamei rouco e fóra de mim: «Ao luar! Ao luar!» Seguiram-me todos, como que movidos de um toque electrico, porque o meu exemplo estava influindo forças. Ficaram despovoadas as salas. Continuámos ambos no voltear ra-

pido, e na dianteira, até que entrando em uma alameda sombria, a bella Virginia, exhaustas as forças, deixou-se caír sobre um banco de verdura.

«Era tudo silencio alli. Ouviam-se ao longe uns echos esmorecidos da grita e do alarido dos dançarinos e os trémulos maviosos e plangentes das rebecas. De repente e quasi sem transição, uma fada, com a sua varinha candida, como que nos tinha transportado do ruido á solidão.

«Perdido, desvairado, sem saber o que fazia, tomei o rosto de Virginia entre as mãos, e allucinado furtei-lhe um beijo ardente. Ah! queimavam de certo os meus labios, porque ella soltou um grito e caiu outra vez, olhando timida em redor.

— Eu amo-te, Virgina, lhe disse. Nada temas, confessa que me amas tambem, que has de ser minha, que esse peito, que está arfando de receio, ha de tambem arfar de amor por mim. Dize, falla, e serei teu escravo, morrerei por ti, porque me déste vida. Se não, morreremos ambos aqui.

— Amo-te, exclamou ella, escondendo o rosto. Ah! fujamos. Não me percas, que tua só hei de ser.

Não lhe respondi, mas levantei-a, cobri-lhe o rosto de beijos, e quem sabe se me tornaria perjuro se não viessem todos os convidados que já estavam cuidadosos.»

III

Interrompeu aqui o meu amigo a sua narrativa. Estava pallido e demudado. Fitava em mim os olhos esgazeados e espantadiços, em quanto que com os dedos encrespava o cabello hirsuto. Depois de alguns momentos de muda contemplação, que eu não ousava interromper, exclamou com voz surda e rouca:

— Que tal te parece?

— Está um calor tropical, respondi olhando lamentosamente para as janellas e portas cerradas.

— Quem te falla aqui em calor? Olha, não vês como tremo? O coração está mirrado, já foi requeimado pelo sôpro de uma paixão immensa; a alma seguiu a fada que voou não sei para onde; o corpo é cadaver animado apenas. O calor é vida, e eu estou morto ha muito. Não vês? — continuou elle apertando-me convulso a mão entre as suas, que distillavam um suor frio — não vês? Corre além o Zezere tumido e bravo; pois n'aquellas aguas estive eu sepulto e... morri afogado.

Olhei espantado em derredor, medi a altura da janella, que elle tinha aberto e por onde se escoava a brisa da noite. O salto era perigoso, e eu começava a desconfiar seriamente do juizo de F.

— Não acreditas? — gritou elle agarrando-me o braço com risco de o estalar.

— Acredito, sim, bradei raivoso com a dor; acredito, mas larga-me. Ouves, maldito? Larga-me.

E dando um forte empurrão, consegui livrar-me das garras de F., que muito descançado da sua vida foi accender um charuto.

— Tu és uma criança, disse elle em fim soltando uma gargalhada que era mistura horrenda do diabolico com o picaresco. Se não acreditas no que te digo, metto-te uma bala nos miolos.

E F. armava uma pistola com o maior sangue frio, derrubando ao mesmo tempo os sobrolhos de um modo sinistro.

— Que brinquedos! Olha que podes fazer alguma desgraça, respondi tentando galhofar, e já meio resolvido a atirar-me da janella abaixo, arrostando com o perigo de quebrar as pernas. Tolheu-me a lembrança de levar um tiro de F., que parecia ler nos meus pensamentos.

— Ouve-me, disse elle. Eu não te quero fazer mal. Tu es uma pobre alma inoffensiva. Escuta-me.

E F. continuou d'este modo, ficando eu muito contente com a boa opinião que elle tinha de mim:

«Acabou o baile quando começou a raiar o primeiro alvor da madrugada. Foram-se todos a procurar repouso, eu fui deitar-me n'um banco do jardim. Parecia-me que morria abafado; necessitava de respirar largamente na amplidão. Não dormia; deixava escorregar o espirito pelo pendor das esperanças floridas. Acreditava ser amado; pensava ter inspirado uma paixão ardente e irresistivel áquella que me captivára. Que me importava o resto?

«Docemente embalado em projectos de felicidade eterna, corriam as horas ligeiras como os seculos no ceo. Ai! que de venturas não imaginava então. Foi um delirio, foi uma febre de amor, foi um sonho do oriente; mas sonho, febre e delirio, tudo se esvaeceu na campa. Eu já vi uma paizagem friamente melancolica, e tristemente verdadeira. Não sei se era de algum grande mestre; não tinha nome. No primeiro plano era uma scena de campo toda impregnada de poesia nativa e encantadora. Dansas, folguedos e risos, e todos os sentimentos que dão vida, tudo alli se via amavelmente confundido. Seguiam-se depois outras scenas cada vez mais sombrias e carregadas, até que, lá ao longe, por entre as ramagens esguias dos cyprestes, alvejavam os tumulos de um cemiterio, perdendo-se no vago da atmosphera e allumiados pelos raios frouxos da lua. Era a imagem da vida. No começo alegrias, no meio cuidados e prantos, e no fim a morte gelida, abysmo immenso onde se vae despenhar tudo o que é terreno e finito!

«Mas não cogitára eu assim. Via tudo através do cristal enganador das illusões. Absorto e engolphado no pélago do sentimento, não attentei em um vulto que alvejava por entre o buxo das ruas do jardim; mas ouvindo perto um remexer de folhas sêccas, que alastravam o chão, ergui os olhos, e avistei de repente Virginia, vestida de branco, com os cabellos negros e longos a arraiarem-lhe a testa, e descaidos pelas costas. Parecia uma fada vaporosa e casta que saía da sua gruta. Allucinado, transportado nos arroubos do mais intenso amor, soltei um grito de alegria. Assim como o nauta que se vê perdido no meio das ondas, sem norte e sem rumo, distinguindo já o resfolegar da morte no sibilar sinistro da procella; ouvindo os uivos temerosos dos animaes marinhos que se acercam em volta do navio, escancarando as enormes bocas rodeadas de fiadas de dentes; sentindo o coração a constranger-se quando arrebentam os cabos, se rasgam as velas e racham os mastros, impellidos pelo sopro gigante da refega; se porventura entrevê, através da negra cerração e das nuvens caliginosas, um suave e brando sorrir da Virgem que apparece consoladora por entre os iris da esperança, ajoelha, põe as mãos, e reza uma prece sentida e verdadeira; assim tambem, perseguido dos receios e duvidas, me lancei aos pés de Virginia, e beijei-lhe a orla do vestido.

«Recuou espavorida. Não me conheceu ao principio. Estava tão linda! Queria ir-se embora; mas eu retive-a um momento.

— «Ah! Virginia, lhe disse, foi Deus que aqui a mandou. Ha pouco, no meio da maior turbação de animo e do coração, confessei-lhe que a amava; agora juro-lhe que, se me não ama, buscarei a morte.

«Ella não me respondeu. Vi-a corar, e o peito arfava-lhe ancioso. Colheu um amor-perfeito, já quasi emmurchecido pelas auras caniculares, e, desfolhando-o mansamente, ciciou baixinho:

— «Amor-perfeito! Pobre flor desprezada, que vaes morrer no esquecimento. Que representas tu, triste flor? Um sentimento que já não ha no mundo. Por isso te desfolho. Tuas folhas resequidas e sôltas ao vento, hão de esvoaçar estonteadas a apregoarem que

perfeito amor não existe. No tempo em que erguias a tua corolla esplendida a receber o rocio matutino, adivinhavas a morte. Trajavas de lucto, ó amor-perfeito; as folhas de veludo escuro com uns laivos de amarello estavam-te predizendo a triste vida.

—«Que faz, Virginia, exclamei erguendo-me e travando-lhe da mão. Porque desfolhou a pobre florsinha? Não ha amor perfeito? Se soubesse ou quizesse ler no meu coração conheceria o seu erro. Eu amo-a, de novo lhe digo, embora não acredite, e este amor é a luz da minha vida. Se ella se apagar por lhe faltar o oleo sagrado, só no eterno esquecimento encontrarei allivio a tantas magoas.

«Despontava entanto a aurora do seio de umas nuvens negras que toldavam a limpidez do ceo. O jardim assimilhava-se ao eden biblico. Respirava-se alli um suave perfume. As flores exhalavam, de envolta com a fragrancia, uma voluptuosidade celeste, que derramava n'alma consolo e poesia. Não se ouvia o ciciar da brisa, nem os quebros dos passaros. Nenhum arruido terreno vinha interromper a solemne e magestosa solidão. Era a hora em que as grandes almas sabem entender as mudas harmonias da natureza.

«Obriguei docemente Virginia a assentar-se n'um banco de relva; eu fiquei de pé, contemplando-a embevecido.

«Era uma virgem encantadora. Uns raios de frouxa luz, furtivos e voluptuosos, vinham-lhe bater de soslaio sobre a face ligeiramente rosada. Uma camelia, ainda meio fechada, desprendendo-se da roseira, pendia-lhe graciosa sobre o hombro, como que a beijar-lhe docemente o collo niveo. Parecia uma santa assentada em seu nicho de flores, erguido pela piedade dos fieis, tão puro e tão casto era o seu porte, e tão virtuoso o seu olhar angelico.

«Os arroubamentos do meu amor já se não erguiam insoffridos na mais intensa ardencia; antes havia uma adoração sincera e vehemente. Virginia era para mim uma virgem catholica, e não uma Venus pagã.

«Ouvi de repente um soluçar agudo e plangente. Olhei para ella e vi-lhe duas lagrimas que pendiam das palpebras, como em alvorada de inverno pendem os cristaes da relva vecejante.

«Perguntei-lhe porque chorava, e ella, fitando os olhos humidos nos meus, com a falla trémula, respondeu-me:

—«Ah! Confessou-me o seu amor, e eu...

—«E tu, interrompi beijando-lhe enternecido a mão.

—«E eu amo-o tambem. Mas tenho presentimento de que este amor nos ha de ser fatal.

—«Jámais. Com o teu amor, Virginia, sabendo que esse coração só bate por mim, de nada me arreceio. A minha felicidade só depende de ti.

«Virginia sorriu tristemente, e, levantando-se, partiu ou, antes, esvaeceu-se como uma visão. Eu fiquei-me extatico e mudo, como se me houvera fugido a luz dos olhos.»

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 331)

XI

Em 1620 Bacon publicou o *Novum Organum* (Novo Orgão). Era a segunda parte da grande obra que elle tinha premeditado sagrar á reconstrucção da philosophia e da sciencia experimental sob o titulo de *Instauratio Magna* (Grande Restauração), e cuja primeira parte havia já apparecido sob a epigraphe *De dignitate et augmentis scientiarum* (Da dignidade e dos progressos das sciencias). Apparecia dedicado o livro ao rei James I, e trazia estampada uma ostentosa dedicatoria, em que o chanceller, sempre cortezão, ainda quando mais philosopho, dizia ao rei: «Poderei accusar-me porventura de ladrão, porque o tempo de que hei carecido para esta obra o tive de roubar aos negocios de vossa magestade. Não tenho que replicar. Bem sei que não ha para o tempo furtado restituição; excepto se aquelle que de menos votei ao serviço de vossa magestade houver de redundar em gloria do vosso nome e em honra do vosso seculo, e se for de algum preço a escripta que vos dedico. Offereço-vos coisas novas; novas inteiramente não, porque de antiquissimo exemplar as copiei; quero dizer, do proprio mundo, e da natureza das coisas e do espirito. [1]

Era o *Novum Organum*, d'entre todas as suas obras, a que Bacon havia em maior conta, e esta ainda hoje a que, mais lida e estimada pelos sabios, dá a mais justa medida d'aquelle fecundo engenho, e lhe assegura honradissimo logar entre os fundadores da moderna philosophia experimental. Por largos annos a esteve meditando, escrevendo, limando e corrigindo. Elle proprio o declara na epistola dedicatoria ao rei James I: «Eu mesmo (para confessal-o sinceramente) mais reputo a minha obra como parto do tempo que do engenho». [2] Affirma-se que por espaço de doze annos (maior severidade que a prescripta por Horacio) conservára inédita aquella sua dilecta producção, retocando, emendando, accrescentando com tão apertada consciencia, como quem estava compondo e affeiçoando estatua de bronze, que por seculos teria de attestar o engenho do esculptor.

Quando a gloria litteraria de Bacon raiava auspiciosa, começou a empallidecer a estrella politica do lord chanceller. Os que o veneravam por philosopho o desacatavam como politico, e o invejavam, talvez, por cortezão. Não ha entendimento de tão deslumbrante esplendor, que cegue os olhos dos partidos, quando vêem no talento mais insigne o seu adversario intoleravel. Póde acaso o nome de Marco Tullio fascinar o sicario de Marco Antonio, para que não decepasse sem piedade a cabeça mais illustre da romana antiguidade? Evitou Demosthenes, porventura, só por haver desencadeado na tribuna as tempestades sublimes da palavra, a sanha implacavel dos seus contrarios? Não avançou impassivel a revolução contra Guizot, e truncando o pedestal de tantas glorias, não escondeu na penumbra politica o busto d'aquelle homem, já coroado dos laureis da posteridade?

Em 1621 a opinião publica apontava o chanceller Bacon á vindicta legal pelo crime de concussão no exercicio das altas funcções que desempenhava. Quaesquer que fossem para com elle as boas graças do soberano, qualquer que fosse o conceito intellectual que o paiz fazia dos talentos do chanceller, Francisco Bacon, accusado formalmente de haver prevaricado no seu alto officio de ministro, é levado como réo á camara dos lords, e por ella condemnado a uma multa de muitas mil libras esterlinas, a ser encarcerado na torre de Londres em quanto aprouvesse ao rei; é declarado inhabil para exercer de futuro nenhum officio de magistratura; exautorado solemnemente do direito de entrar no parlamento, e privado do fôro privilegiado que lhe competia como par.

Seria Bacon tão culpado como o suppõem as rigorosas punições com que, infamado na sua honra, dilacerado no seu orgulho, deposto das suas grandezas

[1] Baconi *Opera Omnia*. Francfort. ad Mænum, 1665, pag. 270. «Poterit fortasse Magestas Tua me furti incusare, quod tantum temporis, quantum ad hoc sufficiat, negotiis tuis suffuratus sum. Non habeo quod dicam. Temporis enim non fit restitutio: nisi quod detractum fuerit temporis rebus tuis, id memoriæ nominis tui et honoris sæculi tui reponi possit: si modo hæc alicujus sint pretii. Sunt certe prorsus nova; etiam toto genere; sed descripta ex veteri admodum exemplari, mundo scilicet ipso et natura rerum et mentis».

[2] Ipse certe (ut ingenuè fatear) soleo æstimare hoc opus magis pro partu temporis quam ingenii». Loc. cit.

sociaes, lhe mostraram severamente o que são e o que valem os obsequios da fortuna, o favor dos reis, e os sorrisos enganosos da falsa popularidade? Seria Bacon ao mesmo tempo a gloria da sciencia e o opprobrio da moral? Aquelle espirito, que se deliciou em volitar pelas aerias regiões da philosophia, manchar-se-hia, porventura, com os torpes appetites da avareza?

Diz-se que Bacon, á similhança de tantos ministros negligentes e relaxistas, os quaes vivem circundados por um cortejo de harpias insaciaveis, tolerava aos seus domesticos, e porventura aos seus aduladores, os vexames e concussões com que, á sombra do seu ministerio e do seu nome, se fazia do grande sêllo de Inglaterra uma ignominiosa veniaga. Conta-se que, durante o escandaloso processo do chanceller, passava Bacon por uma sala, onde estavam sentados alguns de seus cortezãos e familiares. Ergueram-se elles ao verem o patrono, para o saudarem. Ao que Bacon acudiu: «Sentae-vos embora, meus amos; porque de mais vos levantastes, resultando d'ahi a minha quéda». Alludindo a que, pelas corrupções e venalidades exercidas á sombra d'elle pelos seus famulos e dependentes, se víra posto em tamanhos trabalhos e miserias, e mais humilhado e necessitoso do que se fôra elle o servo e elles os senhores.

Que exemplo memoravel não apresenta a Inglaterra aos olhos de todo o mundo no duro julgamento do chanceller! Era Bacon recommendavel pelo berço, porque era filho do chanceller predilecto de Isabel. Era respeitavel pelo seu nome, porque o havia inscripto já entre os mais illustres por letras e sciencias. Era eminente pela hierarchia, porque era membro da camara dos lords de Inglaterra. Era poderoso pelo officio, porque era summo chanceller do reino. Era grande pela valia, porque soubera conquistar o animo do rei. E bem! Vêde quanto póde a voz da opinião, a vindicta da moral, o decoro das altas magistraturas, a honra dos ministros n'um governo, que ainda não é seguramente constitucional! Não se limita a voz do povo a culpar o chanceller, a satyra a perseguil-o, o libello a diffamal-o; não se contenta a camara dos communs em lhe manifestar a sua execração, a camara dos lords o seu desprezo, o rei a inteira perda da sua confiança no ministro concussionario. Pois se lord Bacon prevaricou, demitta-o o rei dos seus conselhos, desça o chanceller da sua cadeira, quasi throno, d'onde preside á camara alta; mas oiça-se ainda no parlamento a sua voz. Respeite-se o grande homem, venerem-se as cans do sexagenario, acatem-se as luzes do jurisconsulto, applaudam-se os discursos subtis do philosopho profundo. Deponha o chanceller a vara do poder, e conserve o sabio os loiros do talento. Eis-ahi o que diria hoje a tolerancia, ou antes a parcialidade e o favor entre povos onde maiores e mais feios attentados, que os do malaventurado Bacon, recebem solemnemente dos poderes do estado o galardão, que é distinctivo da honra e da sciencia. A Inglaterra do seculo XVII era mais severa nos seus julgamentos e mais intratavel na vindicta publica das malversações que infamavam o poder. Seja Bacon embora fidalgo pelo berço; illustre pelo cargo, o mais elevado na politica, na administração e na judicatura; famoso por seus escriptos, que já então corriam mundo. É criminoso? Expie duramente a culpa em que caíu. Contra os golpes judiciarios, que lhe vibra implacavel a propria camara a que presidiu, não lhe ha de valer o favor do rei, porque na Inglaterra de 1621, na Inglaterra do primeiro Stuart, embora o poder real não tenha ainda padecido as cruentas provações que levantaram Cromwell sobre a cabeça de Carlos I; na Inglaterra, que ainda não possue o *Bill of Rights*, fundamento sagrado das suas liberdades publicas, a magestade do principe não póde amparar os grandes criminosos que uma vez gozaram do seu favor, ainda quando elles se chamem Francisco Bacon, e estejam destinados a receber da posteridade, na apotheose do seu talento, a amnistia dos seus erros e fragilidades.

Bacon foi encarcerado na Torre de Londres, que tinha sido testimunha da humilhação de tantos poderosos, e do supplicio affrontoso de tantos que se julgavam ancorados seguramente no favor dos monarchas e das facções.

O parlamento havia começado a reconquistar aquella antiga independencia, que lhe fôra usurpando successivamente o despotismo dos Tudors. A coroa não era agora menos solicita do que então em manter as suas exaggeradas prerogativas. Mas ao animo varonil e resoluto da raça de Henrique VII succedêra a frouxidão de James I. O espirito da revolução, soprado na fé pelos monarchas da reforma religiosa, ia lavrando nos dominios da politica. O partido popular e puritano preparava já no parlamento as scenas de Carlos I. A estrella nefasta dos Stuarts annunciava a declinação do poder real, e o advento de um novo reinado e de uma nova supremacia — a da nação.

O rei James, cuja avareza é celebrada por muitos historiadores britannicos, e cuja consciencia não parecia extremamente meticulosa em assumptos de corrupção, não consentiu que o seu antigo chanceller expiasse na Torre de Londres por muito tempo um crime, vulgar por aquelles tempos na corte e nos officios da magistratura e do governo. Bacon foi solto, poucos dias depois de encarcerado. O rei, por um novo acto da sua clemencia, perdoou-lhe a multa consideravel a que o parlamento o havia condemnado.

Assim decaíu improvisamente das grandezas e dignidades um dos mais mimosos filhos da fortuna; assim desceu infamado do poder aquelle que por tantas solicitações, empenhos e humilhações, alcançára as honras que tinham de servir-lhe de lição e desengano. Não era, porém, a perda dos officios e da valia o que mais amargurava o animo de Bacon, já resignado com a sua obscuridade philosophica. Era-lhe dura de levar a ignominiosa condição a que fôra sentenciado o seu caracter e a sua fama.

Por isso vemos, tres annos depois de condemnado, o velho chanceller dirigir ao rei desde o retiro, onde expiava as suas ephemeras venturas, uma petição para que o soberano lhe concedesse a graça de purificar da macula penal o nome de Bacon, de modo que a sua memoria passasse pura e honrada á posteridade. James I deferiu a supplica do desditoso chanceller, e se hoje os erros politicos e as fraquezas humanas de Francisco Bacon são ainda commemoradas pelos que reverenceiam o seu nome e o inscrevem entre os mais benemeritos e gloriosos, é sómente para que os homens de privilegiado engenho, tendo sempre diante dos olhos tão eloquente e lastimoso exemplo, aprendam a desdenhar as cortes, a menosprezar as honras facticias, e a antepor a magestade do seu proprio entendimento á doirada servidão dos potentados.

Hoje estão esquecidos e perdoados os erros do mundano chanceller, e consagrados os meritos do philosopho eminente. A posteridade adopta como seu o juizo de Bolingbroke, filiado n'um partido intolerante adversario d'aquelle a que Bacon pertencêra. «Era Bacon, dizia o espirituoso ministro da rainha Anna, um tão grande homem, que os seus vicios me não podem já lembrar.»

(Continua) J. M. LATINO COELHO

Quem quizer ser artifice da sua boa fortuna, cultive o seu entendimento com boas artes, a sua vontade com bons costumes, e o seu corpo com bons exercicios. P. MANUEL BERNARDES.